

Desenvolvimento (in)sustentável?

Jozimar de Paes Almeida

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ALMEIDA, JP. *Biodiesel o “Óleo Filosofal”*: desafios para a educação ambiental no caldeirão do “desenvolvimento sustentável” [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. pp. 12-17. Desenvolvimento (in)sustentável?. ISBN: 978-85-7982-027-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Desenvolvimento (in)sustentável?

Do estômago para o tanque.

Em nossa empreitada, estamos tentando construir sentidos e, analisar criticamente o sentido, desenvolvimento e progresso baseado no crescimento econômico, criado e adotado, quase que majoritariamente, por governos, políticos e cientistas, como se fosse expressão do que há de melhor para a humanidade.

Um dos exemplos clássicos da adoção deste conceito e prática encontra-se no relatório, de abrangência mundial, denominado Nosso Futuro Comum, da Comissão Mundial Sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU. Reproduzimos aqui algumas passagens deste relatório, para realizarmos uma análise que contribuiu para a realização desta pesquisa, procurando constatar e esclarecer posicionamentos críticos adotados quanto à problemática em foco.

Este relatório, Nosso Futuro Comum, não é uma previsão de decadência, pobreza e dificuldades ambientais cada vez maiores num mundo cada vez mais poluído e com recursos cada vez menores. Vemos ao contrário, a possibilidade de uma nova era de crescimento econômico, que tem de se apoiar em práticas que conservem e expandam a base de recursos ambientais. E acreditamos que tal crescimento é absolutamente essencial para mitigar a grande pobreza que se vem intensificando na maior parte do mundo em desenvolvimento⁹.

Percebe-se a adoção clara da postura de se incentivar um crescimento econômico, visto essencialmente como uma tábua de salvação para as mazelas que atingem o mundo, não existindo, portanto a menor análise crítica sobre como ele ocorre e, o que representou até o momento para o homem e o ambiente, esse afamado crescimento, sinônimo para alguns ecologistas, de exploração, desigualdade, destruição sócio-ambiental.

Com uma inegável audácia este relatório elabora um termo composto capaz de dar conta do futuro, como um senhor absoluto do destino: “O

⁹ *Conhecimento Prudente para uma vida Decente*, São Paulo: Cortez, 2004, p.669. 9 Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, *Nosso futuro comum*, Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988, p.1 (grifo nosso).

desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades”¹⁰. Como poderíamos prever quais serão as necessidades das gerações futuras? E ainda, uma sustentabilidade que representasse um equilíbrio constante nos fluxos de biomassa energética não dura perpetuamente devido à entropia.

O conceito Desenvolvimento Sustentável compreendido como uma solução, uma fórmula mágica, que pretende estabelecer um outro processo de produção, para solucionar os dilemas sócio-ambientais de nosso tempo, vêm sendo objeto de variadas interpretações e formulações, constituindo-se em uma arena de pesquisa, aberta para os argonautas.

Contentamo-nos em localizar neste relatório alguns pontos que consideramos cruciais para o desdobrar desta pesquisa, quando o próprio relatório expõe:

As necessidades são determinadas social e culturalmente, e o desenvolvimento sustentável requer a promoção de valores que mantenham os padrões de consumo dentro do limite das possibilidades ecológicas a que todos podem, de modo razoável, aspirar¹¹.

Observamos que desta forma o próprio relatório produziu o seu valor considerado essencial, o crescimento econômico. Consideramos necessário realizarmos as seguintes perguntas: Qual cultura e sociedade determinam essa necessidade de crescimento econômico? Os autores do relatório não estariam envoltos a estes valores e, reproduzindo-os sem uma perspectiva crítica?

Notamos um reconhecimento por parte do relatório em relação ao entendimento que, em países “em desenvolvimento” não estão ocorrendo à satisfação das necessidades básicas, um dos objetivos deste desenvolvimento, além de também ter que atender as aspirações humanas.

Satisfazer as necessidades e as aspirações humanas é o principal objetivo do desenvolvimento. Nos países em desenvolvimento, as necessidades básicas de grande número de pessoas - alimento, roupas, habitação, emprego - não estão sendo atendidas. Além dessas

¹⁰ 10 Idem. p. 46 (grifo nosso).

¹¹ Ibid. p. 47.

necessidades básicas, as pessoas também aspiram legitimamente uma melhor qualidade de vida. [...] A satisfação das necessidades essenciais depende em parte de que se consiga o crescimento potencial pleno, e o desenvolvimento sustentável exige claramente que haja crescimento econômico em regiões onde tais necessidades não estão sendo atendidas¹².

Referenda-se uma vez mais a fórmula do crescimento econômico como a solução para o problema do desenvolvimento, em contrapartida a antropologia contribui neste aspecto ao desvendar que algumas sociedades indígenas que não vivem sob o signo do crescimento econômico têm as suas necessidades básicas satisfeitas¹³ e não provocaram uma catástrofe global.

Constatamos nesta análise sobre o desenvolvimento sustentável, uma dimensão perversa do capitalismo, na qual preferencialmente é entendido este conceito, o que não significa necessariamente, em se fazer vista grossa à potencialidade de crítica e de alternativa de sociedade que existe no interior conceitual, pois ao se analisá-los, poderemos refletir sobre os seus fundamentos, possibilitando assim redefinições quanto ao seu conteúdo que expressa um crescimento econômico quantitativo e, a noção de sustentabilidade que é uma contradição ao processo de dissipação energética do meio ambiente.

Desta forma, alternativas podem ser criadas produzindo outros sentidos a este conceito, por exemplo, transformações profundas podem ser realizadas nas relações e formas de produzir, com menor dispêndio de energia, utilizando-se de produtos duráveis e biodegradáveis, com proteção aos recursos naturais, enfim, por último, mas não em importância: a participação direta e autônoma da população na gestão da produção.

Em países altamente industrializados considerados desenvolvidos, produzem-se necessidades cada vez maiores de se aumentar o consumo de energia, mercadorias e, nesta trajetória se conjugam os esforços de países subdesenvolvidos. Qual seria o limite de contenção dessa fúria de consumo? Ou será que não teria que ser contida, já que faz parte das aspirações humanas, um dos objetivos do desenvolvimento?

¹² Ibid. p. 46-47 (grifo nosso).

¹³ CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*, Tradução Théo Santiago, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, Passim.

Como resolver o dilema da miséria social e da degradação ambiental pelo Progresso e Desenvolvimento, sendo que o modelo de sua ampliação significaria uma ampliação de novos consumidores, gerando mais resíduos ambientais? Como equacionar o problema de que, o acúmulo de bens para poucos humanos, foi criado pela expropriação e exploração do meio ambiente e de múltiplas gerações da maior parte dos seres humanos? Quanta riqueza basta para países e empresas trilionárias? Quanto dinheiro é suficiente para bilionários e milionários? Quanto esforço, teremos que exercer para conseguirmos dominar os nossos desejos egoístas, num mundo em que a morte é certa e o desaparecimento também? Mesmo conseguindo gravar o nome em diamante, com o impiedoso tempo, ele vai trincar, partir e se dispersar no espaço em minúsculas partículas sopradas pelo vento¹⁴.

Qual sentido de existência queremos criar nesta frágil e efêmera vida?

O sentido não é para ser buscado, nem encontrado; é para ser produzido, inventado, criado. É essa a função da arte. É esta a função do pensamento. É essa a função do amor. O sentido é menos o objeto de uma hermenêutica do que de uma poesia – ou melhor, não pode haver hermenêutica a não ser onde antes houve poíesis, como se diria em grego, isto é, criação: em nossas obras, em nossos atos, em nossos discursos¹⁵.

Nossa atividade de leitura e interpretação de mundo têm como intenção criar um sentido neste, invenção de algo radicalmente inédito, práxis que nos faz agir e sentir existentes.

A educação acontece como parte da ação humana de transformar a natureza em cultura, atribuindo-lhe sentidos, trazendo-a para o campo da compreensão e da experiência humana de estar no mundo e participar da vida. O educador é por “natureza” um intérprete, não apenas porque todos os humanos o são, mas também por ofício, uma vez que educar é ser mediador, tradutor de mundos. Ele está sempre envolvido na tarefa reflexiva que implica provocar outras leituras da vida, novas compreensões e versões possíveis sobre o mundo e sobre

¹⁴ DYLAN, Bob. *Blowing in the wind*.

¹⁵ COMTE-SPONVILLE, André e FERRY, Luc. *A sabedoria dos Modernos*, São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 285.

nossa ação no mundo. O importante é lembrar que não há apenas uma leitura sobre dado acontecimento, seja este social ou natural¹⁶.

Nossa compreensão da atividade de educador extrapola o papel de tradutor, intérprete e tenta elaborar criações, por intermédio de análise crítica de outras perspectivas de organização econômico-social e ambiental neste mundo.

O ser natural, que se constituiu como humano numa complexa relação interativa, entre os seres da mesma espécie e a natureza, possui a capacidade de elaboração consciente de sua própria transformação e da natureza externa a ele. Este longo processo histórico que resultou na constituição de nossa espécie nos possibilitou estabelecer diversas articulações entre indivíduos, culturas e ambientes, gerando em suas especificidades de relação, características próprias de distinção entre suas experiências.

Visvanathan nos auxilia expressando, por exemplo, a distinção da mundivisão dos Bishnois, do movimento Chipko em relação à representação da natureza pelos estadunidenses:

A noção da “natureza selvagem” ou “deserto” (wilderness) usada na ecologia americana não servia porque, para os americanos, a “natureza selvagem” era um monumento despovoado. Era necessário algo para além da dialectica americana de natureza selvagem e da fronteira, ou da obsessão britânica pelos jardins. A mundivisão dos Bishnois, do movimento Chipko, teve origem na sua cosmologia religiosa. Não se tratava de anticiência, mas tão só de uma crítica da ciência estatista, que via a indústria de pasta de papel como mais merecedora de cidadania do que as tribos que forrageavam comida e remédio. No novo modelo de desenvolvimento enquanto movimentos de cercados, os membros das tribos e os camponeses marginais eram não só deslocados como tornados ilegais. Destruíu-se não apenas a floresta mas também todo um espaço comunal de conhecimento (commons of knowledge) sobre árvores, forragem, produtos florestais, sementes, remédios, construção. O espaço comunal

¹⁶ CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*, São Paulo: Cortez, 2004, p.77.

(commons) não era apenas um reservatório de recursos, mas também um modo de vida que sustentava um modo de conhecimento¹⁷.

Esta distinção cultural destes povos nos adverte, para o cuidado que se deve ter com a importação e uso mimético de conceitos. O mundo humano pode e deve ser interpretado em suas peculiaridades, resultantes da autêntica criação histórica dos homens.

No que diz respeito a nossa especificidade, vamos apresentar o Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel, gerado, ao nosso ver, pela inspiração dos preceitos do “desenvolvimento sustentável que preceitua o crescimento econômico.

¹⁷ VISVANATHAN, Shiv. Convite para uma guerra da Ciência. SANTOS, Boaventura de Souza. (org) *Conhecimento Prudente para uma vida Decente*, São Paulo: Cortez, 2004, pp. 765-766.